



Apresentação

O diálogo que Walter Benjamin estabeleceu com Charles Baudelaire ultrapassa bastante os limites da tradicional relação entre as figuras do crítico literário e do poeta. Se Benjamin contribuiu diretamente, conforme sua própria concepção de crítica, para a expansão dos debates sobre a obra do poeta francês, enclausurados, até o aparecimento dos ensaios benjaminianos, nas perspectivas esteticistas ou místico-teológicas, é preciso lembrar, por outro lado, que as longas notas e os ensaios que escreveu sobre Baudelaire transbordam as fronteiras da exegese literária e se confundem muitas vezes com a própria leitura que Benjamin empreende da vida moderna, da história e da linguagem. Cada um a sua maneira, os cinco ensaios reunidos neste dossiê testemunham sobretudo dessa convergência benjaminiana entre crítica literária e filosofia. Entendida pelo ensaio de abertura como uma “atitude” ou uma “ética”, a modernidade é revista em todos os trabalhos, que manipulam boa parte do campo conceitual tramado por Benjamin em suas análises de Baudelaire e da modernidade: “flânerie”, “experiência” (*Erfahrung*), “vivência” (*Erlebnis*), “choque”, “alegoria”, “mito” e “progresso”. A partir desses conceitos-chave, o encontro de Benjamin e Baudelaire é tomado em todos os artigos como um convite à reflexão sobre o potencial filosófico da crítica, sua vocação para ampliar as perguntas sobre o tempo da modernidade ou, baudelairianamente falando, o tempo presente. Os organizadores terão cumprido sua missão se, além de celebrar os 150 anos do desaparecimento do “poeta da modernidade”, os artigos deste dossiê puderem contribuir para a manutenção da energia crítica que, nos primeiros decênios do século passado, o trabalho de Walter Benjamin introduziu no debate sobre a obra de Baudelaire e sua relação com o fenômeno da modernidade.

Boa-leitura!

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)